

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**

# INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa	
Fernanda Telles Márques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta	
Luiz Gilberto Kronbauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz	
Magda Madalena Peruzin Tuma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa	
Samon Noyama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Patricia Helena Mirandola Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista	
Tascieli Feltrin	
Elsbeth Léia Spode Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
<a href="#">Robinalva Ferreira</a> <a href="#">Marília Morosini</a> <a href="#">Pricila Kohls dos Santos</a> <a href="#">Luisa Cerdeira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
<a href="#">Ernane Rosa Martins</a> <a href="#">Luís Manuel Borges Gouveia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
<a href="#">Éllen Patrícia Alves Castilho</a> <a href="#">Darcísio Natal Muraro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
<a href="#">Itamara Peters</a> <a href="#">Eliana Merlin Deganutti de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
<a href="#">Analice dos Santos Lima</a> <a href="#">Luciene Maria Patriota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
<a href="#">Susana Schneid Scherer</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
<a href="#">Rafaelle Sanches Cutrim</a> <a href="#">Denise Bessa Léda</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>250</b>
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>276</b>
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>295</b>
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>302</b>

## APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA

**Pâmela Bueno Costa**

Unespar, União da Vitória, PR (bolsista Capes)

**Samon Noyama**

Unespar, União da Vitória, PR

**RESUMO:** Este texto pretende fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia européia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. Nossa intenção é mostrar a importância desse debate, bem como apontar as implicações dessa relação intensa e difícil, especialmente no que tange a capacidade da literatura de fomentar e sustentar reflexões e questões que frequentemente identificamos como sendo exclusivas da filosofia. Esperamos, ao fim, oferecer ao leitor uma forma de apropriar-se do assunto, bem como de, a partir desse texto, conduzir suas próprias reflexões considerando a literatura, a filosofia e a relação extraordinária que elas produzem.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de filosofia; literatura; aprender; filosofar.

### INTRODUÇÃO

Uma das questões mais difíceis da filosofia

é justamente dizer o que é filosofia. Responder essa questão não de forma objetiva e sucinta, mas reconhecendo sua característica reflexiva é um movimento complexo, pois existem muitas definições e muitas contradições dentro da própria filosofia. E talvez seja até mesmo uma tentativa de mérito questionável, pois o momento histórico sugere com mais urgência a necessidade de reafirmarmos a legitimidade da pluralidade de filosofias e expressões de pensamento do que lapidar um conceito puro de uma única e majoritária filosofia.

Se perguntamos quando e como surge a filosofia, dificilmente encontramos uma resposta que agrade a todos e satisfaça as exigências protocolares da história da filosofia. Além disso, não é difícil notar que entre os filósofos não há uma resposta padrão ou concordância sobre o que é filosofia e nem sobre o próprio filosofar o exercício do pensamento tão antigo quanto a história do ocidente. Precisamos destacar que a origem da filosofia e do filosofar não é uma preocupação recente, mas acompanha toda a história da filosofia. É comum considerar que as primeiras manifestações se deram por volta do século VI a. C. e natural que tenham sido diferentes entre os primeiros pensadores e filósofos. A palavra filósofo, como afirmou Diógenes Laércio, foi utilizada pela primeira

vez por Pitágoras, e isso provavelmente se junta à compreensão majoritária de que a filosofia nasceu em solo grego. Os físicos, como também foram chamados esses primeiros pensadores, dedicavam-se a pensar o surgimento da vida, ou seja, o princípio fundamental – *arché*, a partir da *physis* (natureza). Através da natureza formularam suas teorias sobre o surgimento da vida e do *cosmos*. Tales, fundador da escola Jônica, natural de Mileto, um dos primeiros filósofos que confere significação ontológica substantiva a elementos naturais, afirmou ser a água o princípio fundamental da vida – o úmido.<sup>1</sup>

Mas, quem seria o filósofo? É nesse horizonte que podemos relembrar a famosa anedota de Diógenes Laércio. Segundo ele, Tales estava com uma serviçal e dirigiu-se para fora de sua casa, com o objetivo de observar as estrelas, e caiu numa vala. Seu grito despertou a seguinte resposta da serviçal “como pretendes, Tales, tú, que não podes sequer ver o que está à tua frente, conhecer tudo acerca do céu?”<sup>2</sup> Com essa anedota podemos perceber a imagem do homem filósofo como aquele que está presente no mundo, mas apenas dedicado à teoria ou à contemplação, desligado da realidade e das coisas práticas. Contudo, a figura do filósofo como aquele ser ausente das questões práticas da realidade vem sendo desconstruída.

## A FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

É possível ensinar filosofia? Ao realizarmos tal indagação, já entramos em um problema filosófico. Sabemos que Immanuel Kant afirmou não ser possível ensinar filosofia, mas somente o filosofar. Se há uma impossibilidade em ensinar filosofia, é possível ensinar a filosofar? Qual é o papel do mestre que se aventura nessa tarefa? Importante sublinhar que essas questões não são novas, no entanto, são fundamentais. Posto isso, primeiramente voltemos à questão inicial que é ensinar filosofia? Diante de tal pergunta, pode-se admitir algumas respostas. Ensinar está ligado a uma atividade em que alguém (professor) transmite a outros determinados conteúdos. A essa pergunta, devemos ter o cuidado devido que requer, pois, temos dois termos que exigem uma atenção maior, o ensinar e filosofia. A pergunta sobre o que é filosofia (seu objeto), circunscreve, necessariamente a pergunta pela origem da própria filosofia, e, conseqüentemente, por seus métodos.

Começemos, então, pelo que oferece ao pensar sobre essa questão, Gilvan Fogel em *Que é filosofia?* De acordo com Platão a filosofia nasce do espanto, da admiração. No *Teeteto*, diálogo conhecido com o subtítulo “sobre o conhecimento”, podemos aqui relembrar que na passagem 155d, afirma: “pois é este é o humor, a disposição (“*páthos*”) de um filósofo: o espantar-se, o admirar-se (“*tó thaumazéin*”). Não há outro começo (“*arché*”) para a filosofia senão este”. Podemos notar que a

1. ARISTÓTELES. *Metafísica*, 2007, cap. II, p. 17.

2. LAÉRCIO. Diógenes, *vida e doutrinas dos filósofos ilustres*, 2ed. Trad. M da Gama Cury, Brasília, Editora Unb, 1977. Cap. I, p. 12.

partir do momento em que o ser humano se admirou com as coisas ao seu redor, passou a *ver*, olhar as coisas e questionar, revelando desejo pelo conhecimento. Mas admirar-se com o quê? Bem, não seria exagero dizer que a admiração é a verdadeira característica do filósofo.<sup>3</sup> Para compreender essa afirmação, é preciso atentar-se aos verbos gregos, vejamos, então, *theoréin e thaumázein*, estes verbos significam ver e admirar, respectivamente. Então, é um processo de retidão do olhar, ter um olhar aberto para a realidade, isto é, tal como se desvela ao filósofo. Sobre o admirar, podemos citar Marcelo Perine, em *Ensaio de iniciação ao filosofar*, quando afirma:

Por sua vez o *thaumázein* significa admirar, maravilhar-se, ficar estupefato, sob duplo aspecto: por um lado aquele que admira não sabe tudo aquilo que admira e, mais ainda, sabe que não sabe; por outro lado, sabendo disso, põe-se ao caminho do saber, porque deseja a ciência.<sup>4</sup>

É saber que ao admirar devemos ter plena consciência de não entender. E assim, buscar. Movimentar-se, no sentido de descoberta e desvelamento da verdade. É uma procura, é mistério, é procura do amor ao saber, justamente porque se admira diante das coisas. É estar entre o sábio e o ignorante.<sup>5</sup> Na mesma linha, quando falamos em desejar conhecer, de buscar o conhecimento, encontramos a palavra aristotélica.

Aristóteles, na *Metafísica*, afirma que “todos los hombres tienen naturalmente el deseo de saber. El placer que nos causan las percepciones de nuestros sentidos son una prueba de esta verdad”<sup>6</sup>. Podemos aqui, perceber o movimento de admirar-se com as coisas, principalmente com suas causas e princípios, pois segundo Aristóteles “I la naturaleza de la ciencia; diferencia entre la ciencia y la experiencia.- II. La filosofía se ocupa principalmente de la indagación de las causas y de los principios.”<sup>7</sup> O filósofo de Estagira preocupou-se em pensar a essência das coisas (*ousía*). E é a partir do *thaumatzein*, susto e admiração que homem passa a olhar para as coisas tal como elas são, e buscam seus princípios e causas. É um olhar para a realidade concreta enquanto tal, uma admiração pelas coisas mesmas. E através dessa atitude, desse salto, despertar e somente e principalmente despertar para a interrogação contida na pergunta.<sup>8</sup> E na queda, no susto, na admiração com a interrogação da pergunta, volta-se para a pergunta, um movimento constante, idas e voltas, faz com que, segundo Gilvan Fogel:

A pergunta vai se fazendo inaugural, originária, ou seja, ela é a forma como se realiza e se concretiza insistentemente a experiência nela contida, a saber, o espanto, o pasmo pelo fato que as coisas sejam; a admiração pelo fato *que é* e que *há* (real, ente, coisas).<sup>9</sup>

O movimento deve ser sempre inaugural, o modo de ser de um começo, é a

3. PLATÃO, *Teeteto*, 156d. p.31

4. PERINE, M. *Ensaio de Iniciação ao filosofar*. 2007, p. 23.

5. PLATÃO. *O Banquete*, 203, b, 204 c.

6. ARISTÓTELES, *livro I da Metafísica*, 2007. p.41.

7. IDEM. M. livro I, 2007, p. 41

8. FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia*, 2009, p.35.

9. IDEM, F.G. 2009, p. 36.

alma (*psyché*), ou seja, vida “que é movimento”. Aristóteles, na sua ciência primeira, a *Metafísica*<sup>10</sup>, retoma o movimento feito por Platão, “porque os primeiros filósofos se espantaram, os homens começaram, outrora como ainda agora, a filosofar”. Percebemos a perduração, desse “ainda agora” do espanto, do susto e da admiração do homem. Essa retomada, esse descobrimento do real, desvelando o encoberto, desperta uma busca incessante pelo saber. Há um espanto ao longo do questionamento, da pergunta, ou seja, do filosofar. Aristóteles, assim radicaliza a concepção platônica de admiração, pois fica evidente: Aristóteles assume e radicaliza a posição de Platão a respeito da admiração como elemento originante do filosofar, na medida em que leva o ser humano a reconhecer que não sabe tudo aquilo que admira, mas é impelido por esse não<sup>11</sup>. Porque o desejo de saber está inscrito na própria natureza humana, nos disse Aristóteles. E essa busca será marcada, desde o momento que o homem passa a admirar as coisas tais como elas são, isto é, o ente enquanto ente, sendo assim, como mencionamos essa busca será contínua, um retornar sempre a pergunta da pergunta, dessa forma, o desejo, está inscrito na natureza humana, basta apenas ser despertado. Um processo de abertura ao saber.

Retomemos nossa questão inaugural: que é filosofia? Revelar uma resposta pronta e acabada para tal pergunta, deveras não é nossa intenção, indubitavelmente, sabemos que existe inúmeras respostas para a questão. Então, não daremos uma definição, iremos movimentar a reflexão para conquistá-la. Todavia, precisamos nortear a concepção de filosofia que guiará nosso caminho, isto é, nosso método. Ficaremos nesse momento, com a palavra filosófica de Aristóteles, pois, a partir de seu modo de perceber a filosofia, um modo mais aberto, ou seja, não exclui a arte e nem a literatura como fonte de conhecimento, ao contrário de Platão que sugeriu o risco de corromper a *alma da polis*.

Então, para Aristóteles, que é a filosofia? Na *Metafísica* ele diz: “é correto denominar a filosofia ciência da verdade”.<sup>12</sup> Cabem aqui várias questões: a primeira seria, se a filosofia é a ciência da verdade, que é ciência? E ainda, o que é verdade? Ciência é saber. E saber, o que é? Dito isso, Gilvan Fogel, enfatiza: “seria a filosofia, portanto, saber da verdade!”<sup>13</sup> E só há verdade se houver filosofia? A questão está, de certa forma, em saber perguntar, e por isso, o homem é *lançado* a filosofar. Ainda, é possível, dificultar todo o processo na investigação do que vem a ser a filosofia, ciência e verdade. Como? Em determinado momento os gregos indagaram-se, mas, “- *tí tò ón*”; *o que é o real?* Essa questão tem a idade da filosofia.<sup>14</sup> E ela movia o homem grego fazendo a hora da filosofia. Com essa abertura o ser passou a pensar no real, e assim, parou, suportou e resistiu, (este é o sentido vital, existencial do perguntar). A filosofia primeira de Aristóteles investiga a causa e princípio das coisas. Dessa forma,

10. Passagem A, 2, 982b.

11. PERINE, Marcelo, *Ensaio de iniciação ao filosofar*, 2007, p. 27.

12. FOGEL, G. *Que é filosofia*. 2009, p.42

13. IDEM, FOGEL, 2009, p. 42

14. IBIDEM, p.42.

filosofia enquanto ciência da verdade *seria a teoria do ente enquanto ente*.<sup>15</sup> Mas o que seria o *ente*? É o sendo, entendido como aquele que indica o que está aí, dá-se, faz-se – isto é, tudo que é e há.

Poderíamos dizer que o *ente* seria aquilo que chamamos de real. O que está sendo! Então, a filosofia, é saber, e sendo saber: ciência da verdade precisa ocupar-se da teoria do ente enquanto ente. Portanto, do real enquanto real. Assim, como afirma Fogel: Assim, o ente enquanto ente, o real nele mesmo, é o ente ou o real em seu... ser! E isto quer dizer, ainda: ver, considerar, teorizar o é, que sub- e “co-falado” em todo “é”!<sup>16</sup> Uma questão que manifesta o desejo de uma resposta, na mesma estrutura da pergunta, dessa forma, como Fogel expõe o problema da verdade é o problema do real, é preciso considerar o real, como “*in statu nascendi*”, na sua natureza (*physis*), ou seja, o seu próprio real enquanto real. Navegar, pois, é preciso<sup>17</sup>. Com esse pontapé inicial, com a palavra de Marcelo Perine em *Ensaio de iniciação ao filosofar*: “Filosofar é também preciso por oposição ao inexato, ao meramente aventureiro”<sup>18</sup>.

Exercício de rigor, o filósofo procura seu modo de exatidão. Em consequência disso, um trabalho que é em essência conceitual. No entanto, filosofar, pois é preciso, enfim, por significa viver ainda mais intensamente.<sup>19</sup> O movimentar-se em direção de algo, o navegar, o dar-se conta da existência, pois é preciso. Goethe, no *Fausto* diz: “no começo (era), a ação, a atividade”. E assim, ““Én arché ò logos” – no começo a linguagem – a palavra, o verbo”<sup>20</sup>. E verbo é ação, é movimento é atividade. Seria o começo, no princípio, o homem descobriu o poder da palavra. Contudo, estamos em movimento com a palavra, e, assim, segundo Goethe, parar, suportar e resistir, (acontecimentos vitais), seria um “*ur- phänomen*”<sup>21</sup>; ou seja, um *proto-fenômeno*, um acontecimento originário. Fogel afirma, um *Salto. – uma abertura para o sentido de ser*. E a nossa questão originária, foi o perguntar sobre o isto da filosofia: que é filosofia? Ela sempre será um convite, um chamado. De acordo, com o Fogel, quem tiver ouvido que ouça, quem tem olhos que veja, quem se dispõe estará em processo de abertura, do salto para o filosofar.

## RELAÇÃO TRANSACIONAL ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

Começemos a refletir sobre a relação entre a palavra filosófica e literária, iniciamos com a palavra de Gilvan Fogel em seu ensaio: *Filosofia e Literatura*: “[...] Também a filosofia, enquanto amor ao saber e à verdade se faz desde e como dizer, desde e

---

15. Reflexões a partir do livro IV, Metafísica, 1, 1003b, “quem vê olha, que “teoriza o ente enquanto ente. E esta a ciência é a filosofia primeira prote philosophia. 2007, p. 44.

16. FOGEL, G. 2009, p. 45.

17. Frase do poema de Fernando Pessoa “*Navegar é preciso*”.

18. PERINE, M. E. *De iniciação ao filosofar*, 2007, p. 14.

19. IDEM, M. P. 15. *Prefácio João Carlos Salles*. 2007, p. 11.

20. Jô, *prólogo bíblico*.

21. FOGEL, G., 2009, p. 48.

como palavra. Palavra, dizer da literatura; palavra, dizer da filosofia. Parece que aí e assim, na e como palavra, literatura e filosofia se tocam, coincidem, se encontram<sup>22</sup>". A partir desse fragmento, podemos pensar que a filosofia e a literatura são vizinhas, e na vizinhança há proximidade e distância, ele afirma: "Na vizinhança há proximidade e distância. E, estranho, nesta proximidade-distância abre-se também um fosso, pois também já disseram (Nietzsche, Heidegger), filósofo e poeta vivem na mesma cordilheira, no mesmo maciço, mas em morros, em picos os mais separados"<sup>23</sup> Então, assim como o filósofo o escritor literário parte da palavra, é nesse uso que se cruzam, há o encontro filosófico literário. Partindo da reflexão exposta, podemos perceber a necessidade de pensar os dois modos de pensamento, cabe salientar, que não vemos a filosofia e literatura como sinônimos, sabemos de suas particularidades, do rigor epistemológico e conceitual da palavra filosófica, assim, como as particularidades da arte literária, não são sinônimos, mas se cruzam e não se anulam, há um namoro epistemológico.

Podemos pensar no que nos diz Martin Heidegger, em *Introdução à Metafísica*, quando afirma: "no poetar do poeta, como no pensar no filósofo instaura-se o mundo"<sup>24</sup>, ou seja, o que tem em comum a filosofia e a literatura? O poder da palavra. E essa palavra pode ser a construção, lógica, racional de conceitos, como pode ser a palavra dotada de personagens articulando, de certa forma, muito saberes, tratando de ideias, conceitos, sentimentos, utilizando-se do ficcional.<sup>25</sup> Portanto, Jayme Paviani em *Traços filosóficos nos textos*, afirma:

A literatura, para poder se essencializar como tal, põe a linguagem num primeiro plano, assume uma função narrativa e expressiva, enquanto a filosofia emprega uma linguagem lógica, demonstrativa, conceitual, racional, argumentativa.<sup>26</sup>

Em síntese, cada obra filosófica, produz sua teoria do conhecimento. De maneira sistemática, por ora, também fragmentada. E, ao movimento de buscar entender o que seja filosofia e literatura, e sua transação, acabamos entrando em um problema filosófico. Diante disso, é sem dúvida uma tarefa nada fácil, separar essas especificidades, e perceber as semelhanças e diferenças, pois, embora cada uma tenha seus fundamentos, elas acabam sempre se cruzando. Todavia, podemos encontrar textos filosóficos com características literárias e como também textos literários com características filosóficas, é nessa perspectiva que sustentamos nosso projeto. Ainda, por exemplo, são inúmeros filósofos que partem de uma estrutura de texto literário, para fazer filosofia, podemos citar: Parmênides (poema), do aforismo Heráclito e Nietzsche, do diálogo Platão, da Carta Epicuro, romance Sartre, Rousseau, teatro Voltaire, ensaios de Montaigne. As maneiras distintas de filosofar se aproximam

---

22. FOGEL, G. "Filosofia e literatura". In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015), pg. 179-187.

23. IDEM, pg.179.

24. HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1966.

25. PAVIANI, *Filosofia e literatura uma relação transacional*, 2009, p. 65

26. IDEM, 2009, p. 66.

dos textos literários.<sup>27</sup> E, assim, do mesmo modo na literatura, como o próprio Dante, Shakespeare, Goethe, Fernando Pessoa, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre tantos outros. Ainda em conformidade com Jayme Paviani, no livro *Filosofia e literatura uma relação transacional*, em seu artigo sobre *Traços filosóficos e literários nos textos* – expõe que um filósofo ou um escritor literário pode utilizar gêneros literários, como o romance, o conto, o teatro, para expressar ideias filosóficas.<sup>28</sup> E a história da filosofia tem em sua trajetória muitos exemplos, conforme o seu contexto e época, de pensadores que se utilizaram de gêneros literários para fazer sua filosofia e o seu contrário também, da filosofia para escrever contos, romances, teatro. Ainda, de maneira semelhante, com Paviani, a filosofia e literatura, são duas linguagens específicas, às vezes próximas e outras distantes, e tendem a se encontrar em grandes temas metafísicos.<sup>29</sup> Nesse sentido, é um movimento de ir uma a outra, guardando uma distância, com rastros de proximidade. Essa relação de proximidade na distância é uma relação transacional<sup>30</sup>. Segundo Paviani, a filosofia e a literatura têm em comum o poder da palavra, o cuidado com a linguagem que interroga o ser e busca as origens do pensamento. Porém, além do conhecimento teórico das qualidades literárias da expressão, ambas têm em comum a possibilidade de se instaurarem no domínio da sabedoria. Em cada palavra pulsa um coração, afirmou a personagem de Clarice Lispector em *Um sopro de vida – Ângela Pralini*, que ansiava por escrever um livro, e as palavras lhe dão a vida – o sopro.

Os personagens, mesmo sendo uma criação, fruto do poder da escrita, trazem à tona mazelas da vida humana e muitas questões filosóficas. Nesse sentido, com a criação literária, surge, então, personagens dotados de razão, e, ainda, podem criar conceitos, mesmo não sendo um tratado filosófico ou uma suma. Quando a personagem de Clarice diz que em cada palavra pulsa um coração, podemos dizer, que cada palavra tem sua vida, ou seja, seu movimento, seu sentido, sua *psyque*. O que seria o coração? Coração, enquanto a cadência, o ritmo e o pulso de vida, são com o tempo de atravessamento do espírito por uma experiência; o tempo de vigência da disposição de espera, de escuta, de obediência e de aquiescimento.<sup>31</sup> O tempo certo de vida, o *kairós*. Portanto, cada palavra tem um sopro de vida, pulso, ardência, um sentido. E esse processo, não é rápido, o movimento é lento, os acontecimentos, precisam de pausa, para ver, escutar e pensar. Ainda, em analogia com Gilvan Fogel, o pensamento movido por espírito e coração, é lento e distante<sup>32</sup> essa distância deve ser *co-medida*. O processo de escuta, do movimento, dos batimentos das palavras é lento, é preciso de paciência de tempo livre: ócio. Ou seja, entre a palavra filosófica e literária há pulso de vida, há coração!

---

27. Abordagem feita por Paviani em *Traços filosóficos nos textos*, 2009, p. 63.

28. IDEM, 2009, p. 61.

29. IDEM, 2009, p. 70.

30. IDEM, 2009. P. 29.

31. FOGEL, G. 2009, p. 82.

32. IBIDEM, 2009, p. 82.

Com efeito, a problemática que surge é pensar a questão: como é possível chegar aos problemas da filosofia e seus referenciais na história da filosofia a partir da literatura? Essa premissa norteará toda a reflexão de nossa proposta. Acreditamos que o ensino não precisa ser fragmentado, cada área do saber isolada uma da outra, mas sim de maneira interdisciplinar, pois os conteúdos disciplinares devem ser tratados de modo contextualizado, estabelecendo-se, entre eles, relações interdisciplinares<sup>33</sup>. Portanto, a filosofia e a literatura juntas, não colocadas como auxiliares, nem para sensibilizar, mas a partir da palavra literária- filosófica potencializar a reflexão filosófica, estimulando os alunos a pensarem e problematizarem o mundo que vivem. Nesse norte, o problema que surge é pensar um método que auxilie a compreensão dos conceitos filosóficos, porque parte da nossa angústia é aprofundar a reflexão e construir um material que possa contribuir para a qualidade da formação discente. Temos que proporcionar o filosofar, e partindo de uma nova metodologia, podemos proporcionar maior interesse dos alunos na disciplina. Mas será que a literatura, como disciplina também não está instrumentalizada na lógica estatal? De fato, está. Poderá ela fazer nossos alunos filosofarem? E ainda, como *Werther* pode ser base para o ensino de Filosofia? Estes questionamentos são fundamentais ao pensar nossa proposta.

Nosso objetivo é utilizar o romance de Goethe *Os sofrimentos do Jovem Werther* como metodologia didática no ensino de filosofia. O primeiro passo, para seguir o caminho escolhido, de acordo com a fundamentação teórica, ou seja, nosso método para a proposta prática da pesquisa, foi a leitura na íntegra do livro escolhido a obra ícone do Romantismo alemão - *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Em seguida, foi preciso deixar em evidência os cinco problemas escolhidos, a saber: *Felicidade, Naturalismo, Sentimentalismo/Emoção, Arte & Poesia e o Suicídio*. Feita essa seleção dos problemas, preferimos percorrer a história da filosofia, e escolher dez filósofos que dedicaram-se em refletir sobre o tema para compor a carta paradidática. Foi necessário, então, fazer uma pesquisa e fontes que seriam utilizadas para a produção das cartas paradidáticas. Cabe destacar que foram selecionados alguns tópicos para fazer parte da carta: pensador/data, influências, obras e citações desses pensadores. Salientamos a importância da pesquisa teórica, explanada nos capítulos anteriores, para a realização da prática, pois, os autores pesquisados foram fundamentais para aplicação prática da proposta pedagógica que nos propomos inicialmente.

A partir desse momento, feita a leitura, a escolha dos problemas e filósofos, a parte mais trabalhosa foi caracterizada pela escolha das cartas de *Werther*. A seleção não foi por ordem de datas, mas sim, pelos problemas. Dessa forma, foram escolhidas de primeiro momento sete cartas, mas que foram reduzidas posteriormente para duas, pelo grau de dificuldades que os alunos encontraram na escrita das cartas e devido ao tempo curto das aulas. As aulas podem ser divididas em dois momentos, ou seja, duas aulas circunscrevem cada problema. Podem ser selecionadas doze aulas aproximadamente, começando a aplicação no final do terceiro bimestre. Os conteúdos

33. Seguindo as orientações das DCE de filosofia, 2008 p.14

previstos encontram-se na área de Estética e Filosofia da Arte. Através das cartas de *Werther* os conceitos explorados são: a felicidade (intrínseca relação com o belo, com a natureza, a poesia, com a música), propensão ao naturalismo, sentimentalismo, arte e poesia, e o suicídio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, alguns pontos podemos retomar. Paremos e reconsideremos, começamos perguntando que é filosofia? E, chegamos a ideia que não é algo, uma coisa, é antes de tudo é um modo de ser, e segundo Fogel, é uma atitude, que precisa ser despertada, e ainda abrir-se, pré-dispor-se, em uma distância apropriada da contemplação, assim, o filosofar surge. Diante dessas questões nos debruçamos a refletir, e chegamos, a premissa, que só é possível, o surgimento do filosofar através do espanto, do susto, da admiração, da inquietude, do olhar para o real e ver, e seu ensino só é possível, se tiver abertura<sup>34</sup> para a indagação filosófica, ou seja, o filosofar. Pois a filosofia é, portanto, desde seu início, um *saber-da-realidade*. Nasce, então, para recolocar o ser humano no caminho de seu fundamento original, isto é, no caminho da realidade, e é feito então a hora da filosofia, quando os gregos questionaram sobre: *o que é o real*. Concomitante, propomos uma intervenção metodológica para o ensino de filosofia, através de uma metodologia literária filosófica a partir de epístolas literárias. Abordamos também sobre a relação entre filosofia e literatura, que é tão velha quanto a própria filosofia. É notório lembrar que na antiguidade, época de Platão, o saber poético era superior a filosofia, no sentido de ter maior relevância em dizer as coisas sobre o humano e o mundo. Afinal o que há, de comum, entre a filosofia e a literatura? o poder da linguagem, isto é, a palavra. Ambas com suas especificidades, nos deparamos com o esforço de ultrapassar a linguagem comum, de forma mais ligada a imaginação e outra aos conceitos

A metodologia por problemas, abriu espaço para a interrogação filosófica, para uma tomada de consciência por parte dos alunos, dessa forma, com o desenvolvimento das aulas práticas, foi possível perceber o desejo e a disposição por parte dos alunos à totalidade da realidade, buscando um sentido a existência no mundo, a partir da discussão sobre a felicidade, o naturalismo, sentimentalismo, arte e poesia, e sem dúvidas sobre a morte e o suicídio. De fato, ensinar filosofia, é sem dúvida uma busca constante por conhecimentos, e deve-se adotar uma série de decisões filosóficas, e assim, elaborar recursos mais convenientes para tornar essa tarefa possível e significativa. Por fim, cada docente, adotará um ponto de partida didático ao ensino de filosofia, todavia, cada professor deve estar comprometido com a construção de um método, com base na sua concepção de ensino. Assim, conforme demonstramos

---

34. Entendemos a abertura, em conformidade ao exposto por Gilvan Fogel em seu livro *Que é filosofia?* em um sentido de disposição ou disponibilidade para ser tocado e tomado pelo que toca e toma, ao sentido de ser, abertura, que põe sentido de ser, é transcendência. Ser tomado pelo acontecimento, 2009, p. 51.

é imprescindível saber o que se ensina (*objeto*) para poder ensinar. Ora, não existe receita pronta, então, tendo chego neste ponto, surge a indagação, como se faz para levar à prática, o que propomos? E, dito isso, ressaltamos que ensinar/aprender filosofia se faz de maneira compartilhada e não em monólogos, foi o que propomos com nossa metodologia.

Sem mais delongas, o caminho percorrido, exalta um modo de perceber a filosofia não em um pedestal, superior às demais áreas de conhecimento, mas sim em encontros. Portanto, esperamos que a reflexão exposta venha a contribuir com as metodologias pedagógicas de ensino de filosofia.

## REFERÊNCIAS

ANGELLOZ, Joseph-François, “Prefácio”, in: GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Tadução Marion Fleischer. 2-ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural Ltda. 2004.

\_\_\_\_\_. **Metafísica**. Madri: Austral, 2007.

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2009.

FOGEL, G. “Filosofia e literatura”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015), pp. 179- 187.

\_\_\_\_\_. **Que é filosofia? – filosofia como exercício de finitude**. Aparecida, SP: Ideias & letras, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. In: SOUZA, Ricardo Timm de, DUARTE, Rodrigo (Orgs). **Filosofia e Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Também publicado na antologia *Ensaios filosóficos*, organizada por Victor Sales Pinheiro (São Paulo: Martins Fontes, 2010).

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Abril. 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de Vida**. São Paulo: Círculo do livro SA, 1978.

MATOS, Franklin de. **O solilóquio de Werther**. Acessado em 17/06/2017.

NIETZSCHE, F. **Sobre Verdade e Mentira**. São Paulo: Hedra, 2008.

NOVAES, Adauto. **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia da letras, 2005.

NUNES, Benedito. “Poesia e Filosofia: uma transa”, in: ROHDEN, Luiz. PIRES, Cecília. **Filosofia e Literatura uma relação transacional**. Ijuí: Unijuí, 2009. PAVIANI, Jayme. “Traços filosóficos e literários nos textos.”, in ROHDEN, Luiz. PIRES, Cecília. **Filosofia e Literatura uma relação transacional**. Ijuí: Unijuí, 2009.

PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo: Loyola, 2007.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-381-1

